

**DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, EMOCIONAL E SOCIAL DA CRIANÇA NA
RELAÇÃO COM O ADULTO SOB PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR DE
MONTESSORI E MENEGHETTI**

**COGNITIVE, EMOTIONAL AND SOCIAL DEVELOPMENT OF CHILDREN IN
RELATIONSHIP WITH ADULTS FROM THE INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVE
OF MONTESSORI AND MENEGHETTI**

Márcia Cristiane Rambo
UNIAMÉRICA

Escola de Educação Infantil Ida Berteotti
marciarambo7@gmail.com

Breno Prado da Silva
Faculdade Antonio Meneghetti.
brenopradodasilva@gmail.com

Patrícia Wazlawick
Faculdade Antonio Meneghetti.
patriciawazla@gmail.com

Ricardo Schaefer
Faculdade Antonio Meneghetti,
coordfoil@faculdadeam.edu.br

Fernanda Goulart Martins
Faculdade Antonio Meneghetti
fernandamartinsfm@hotmail.com

Resumo:

Esta pesquisa, caracterizada como exploratória e participante fundamentada em estudo teórico, volta-se ao processo de desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança nos três primeiros anos de vida, buscando construir a compreensão de como este processo é influenciado pelo adulto de referência e/ou pelo adulto-mãe, conceito de Meneghetti. Neste viés, trabalhamos a importância do adulto preparado, conceito de Maria Montessori, e desdobramos seu aspecto prático na relação com a criança a partir de nossa experiência empírica em escolas particulares e públicas e em projetos de educação infantil. A pesquisa reflete sobre experiências práticas, sobretudo em sala de aula, por meio do estudo teórico primariamente de obras de Antonio Meneghetti e de Maria Montessori. O adulto é um guia e um ponto de referência para a criança, faz papel de mediar a relação desta com o mundo,

tendo como função importante o de facilitador à construção da autonomia da criança para o desenvolvimento do seu potencial de natureza, desde os seus primeiros anos de vida, os quais são a

base para todo o seu desenvolvimento em todas as subsequentes fases da vida.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil; Adulto de referência; Adulto preparado; Autonomia da criança; Ontopsicologia.

Abstract:

This research, characterized as exploratory and participant based on a theoretical study, focuses on the child's cognitive, emotional and social development process in the first three years of life, seeking to build an understanding of how this process is influenced by the reference adult and/or or by the mother-adult, Meneghetti's concept. In this bias, we ensure the importance of the prepared adult, concept of Maria Montessori, and we begin its practical aspect in the relationship with the child from our empirical experience in private and public schools and early childhood education projects. The research reflects on practical experiences, especially in the classroom, through the theoretical study primarily of works by Antonio Meneghetti and Maria Montessori. The adult is a guide and a point of reference for the child, playing the role of mediating the child's relationship with the world, with the important function of facilitating the construction of the child's autonomy for the development of his or her natural potential, from their first years of life, which are the basis for all their development in all subsequent stages of life.

Keywords: Child Development; Adult of Reference; Prepared Adult; Child Autonomy; Ontopsychology.

1. Introdução

Nesta pesquisa, de caráter exploratório e participante com fundamentação em estudo teórico, temos como objetivo geral compreender o papel do adulto, sobretudo do adulto de referência, na formação da criança, quanto ao modo como ocorre o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança na primeira infância. Entenderemos “adulto de referência” como (1) o adulto-mãe, conceito utilizado por Meneghetti para se referir ao “...adulto de máxima referência afetiva e segurança para o pequeno...” (2015, p. 44), geralmente a mãe ou pai que criou a criança, com o qual esta desenvolveu maior vínculo afetivo; (2) professoras de educação infantil; (3) qualquer adulto que exerça sobre uma criança um poder psicológico.

Na educação infantil, em nossa experiência em escola montessoriana, em escolas do município de Santa Maria, em pedagogia ontopsicológica, como em experiência de educação domiciliar e em projetos no Distrito Recanto Maestro, já acompanhamos muitas crianças, pais e professores que, enquanto os acompanhávamos, testemunhávamos este processo de formação da criança em mútuo constituir-se na relação com adultos de referência.

Para isso, nesta pesquisa respondemos aos seguintes objetivos específicos: (a) identificar fatores de importância na relação entre adulto de referência e criança dos 0 aos 3 anos; (b) analisar a manifestação de instintos nos processos de desenvolvimento na primeira infância; (c) documentar comportamentos e práticas indicadas para adultos que acompanham crianças nessa fase de desenvolvimento, para ilustrar um modo de exercer com bons resultados o papel de adulto de referência no processo de desenvolvimento infantil na referida faixa etária. Esta foi escolhida porque “Nos seus primeiros 1.000 dias de vida, as crianças respondem mais rapidamente às intervenções do que em qualquer outra fase. É um momento único para focar na atenção integral” (UNICEF, [s.d.]).

Assim, buscamos realizar um artigo científico de estudo teórico sobre o conhecimento deste tema, no quanto produzido por Meneghetti e por Montessori, e aplicá-lo e compará-lo com a experiência prática do trabalho com crianças. Em suas obras, falam sobre a importância da preparação dos adultos e do ambiente/contexto para o desenvolvimento infantil saudável. Neste trabalho compreendemos as teorias pedagógicas de Meneghetti e de Montessori, que englobam os conceitos de idade, temperamento, instinto, projeto de natureza, adulto preparado e autonomia da criança, que serão trabalhados ao longo do artigo. Será trabalhada a postura psicológica do adulto para auxiliar no desenvolvimento do potencial natural da criança. Apresentaremos também algumas diretrizes para auxiliar famílias e profissionais a lidar com crianças nesta faixa etária.

Sabemos que o adulto de referência afetiva tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, sendo um substancial ponto de referência para como a criança aprende o mundo, fazendo um papel de mediação entre esta e o seu contato com o mundo (Damacena *et al.*, 2020; Braga; Gonçalves; Augusto, 2020; Alvarenga *et al.*, 2020; Meneghetti, 2019; Borsa, 2007; Maldonado, 2002; Klaus; Kennel; Klaus, 2000; Montessori, [s.d.]; Klaus; Kennel, 1993). O que é aprendido pela criança nesta fase da vida é levado como modelo de base para tudo o que ela venha a desenvolver ou fazer posteriormente. Este período constitui a base do desenvolvimento da criança (UNICEF, [s.d.]), além de ser o período mais fértil para o seu desenvolvimento (Montessori, [s.d.]). Trata-se do alicerce em que a criança apoia todo o seu desenvolvimento futuro e que dá forma para os modos como lidará com o mundo a partir de então (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]).

Na educação infantil, no trabalho com crianças de seis meses até sete anos de idade, em especial de zero a três anos, podemos perceber diversas posturas, tanto das crianças quanto das famílias. Essas posturas foram observadas tanto em relação a como as crianças lidam com o próprio corpo, quanto à forma como os adultos falam e se posicionam com as crianças, quanto às tarefas que os adultos permitem que estas tentem fazer por si mesmas. Neste aspecto, Pereira (2014, p. 13) ressalta que “a autonomia é fundamental para tomarmos decisões, para fazer escolhas e para seguir

um caminho com alguma liberdade e independência pessoal/social”. Embora muitas vezes os adultos substituam as crianças em tarefas que elas possuem condições de realizar sozinhas, o melhor para seu desenvolvimento é sempre o desenvolvimento progressivo e proporcional de sua autonomia (Meneghetti, 2019; Pereira, 2014; Leone, 1998; Montessori, [s.d.]a).

Observamos e refletimos sobre o quanto essas posturas impactam no trabalho pedagógico e no quanto percebemos da possibilidade de autonomia e de desenvolvimento integral das crianças. Pensando nisso, realizamos esta pesquisa motivados em aperfeiçoar o trabalho nas escolas e nos projetos pedagógicos nos quais nós e tantos outros profissionais atuamos, e em como os pais cuidam e conduzem os seus filhos a tornarem-se pessoas realizadas integralmente, nas suas esferas pessoal, afetiva, social e econômica ou profissional.

Esperamos contribuir em relação à forma como os adultos lidam com as crianças e, principalmente, esperamos melhor conduzir as crianças no seu desenvolvimento, de forma mais natural e tranquila, incentivando autonomia e autoconfiança nos processos de aprendizagem e de atuação da sua fala, da sua alimentação, do vestir-se, do uso do banheiro, que são práticas e formas de comportamento que refletem em tomadas de decisão ao longo da vida (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]a). Nesse sentido, para Montessori, “...a criança é construtora do homem, e não existe homem que não haja sido formado pela criança que uma vez foi” ([s.d.]b, p. 18). Por isso, para formar o jovem ou adulto com mais efetividade e assertividade, é imprescindível começar pela infância, em especial, desde o primeiro momento de existência da criança.

No que se refere ao método de pesquisa, a abordagem será sobretudo dedutiva, partindo-se da teoria para analisar a realidade empírica, e indutiva, partindo-se das diversas observações experienciais, chegando, enfim, a uma unidade teórica. Conduzimos a pesquisa procedendo com revisão bibliográfica, tendo como base a literatura produzida por Antonio Meneghetti e por Maria Montessori, usando literatura complementar de diversos pesquisadores da área. Esta bibliografia foi utilizada para análise e reflexão acerca das experiências em sala de aula e no contato com as famílias das crianças. Essas experiências ocorrem como aplicação prática e analítica das teorias-base estudadas. Esta se enquadra metodologicamente como pesquisa participante, porque os pesquisadores estão, sem plano de ação estruturado, ativamente presentes junto ao sujeito de pesquisa, o qual definimos como as crianças com as quais tivemos e temos contato, enquanto educadores, em nossos ambientes profissionais.

2. Relação a dois: adulto de referência e criança

Quando uma mulher deseja a gravidez e essa acontece, ela traz consigo a esperança de vida, de alegria, de amor, e logo começa a fazer planos, pensar no nome, escolher a roupa, organizar um quarto, um espaço para a nova criança na vida da família. Assim também faz com a preparação dos adultos, estudando, lembrando como foi a sua infância e a sua educação, revisitando suas memórias para fazer da melhor forma possível a criação do seu filho.

A criança se forma dentro do ventre da mãe e, no início, pode ser difícil para quem olha de fora distinguir quem é um e quem é o outro, porque, de certo modo, fazem parte de um mesmo corpo; especialmente de um ponto de vista biológico, nessa fase não há distinção total entre o organismo da mãe e o organismo da criança (Meneghetti, 2019). Assim, entendemos que a criança não é ainda uma pessoa por si só, ela existe porque existe a mãe, que a nutre e mantém. Nessa perspectiva, a criança é como uma extensão do corpo da mãe, um vive em simbiose total com esta, sendo ambos indivíduos parcialmente distintos e parcialmente o mesmo.

Para que melhor se entenda esta visão pedagógica, abordamos algumas definições cunhadas por Meneghetti. “Pessoa”, como definido pelo autor, significa: “*Lat. per se esse = ser por si, ser para si*” (Meneghetti, 2021, p. 219). Ou seja, refere-se a um indivíduo com capacidade de autonomia, que distingue-se claramente dos demais por sua capacidade de ser autônomo. Já a palavra “díade”, segundo o autor (Meneghetti, 2021, p. 81, grifo do autor), significa “*...movimento a dois, no qual um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente*”. Define a relação entre dois indivíduos em que um afeta ou impacta o outro inexoravelmente e vice versa. É a partir de uma primeira díade (com a mãe) que viemos à existência, em simbiose com ela, recebendo as condições básicas para que continuemos a nos desenvolver para nos tornarmos pessoas integralmente, indivíduos autônomos, independentes e realizados.

Ao observar o mundo, percebemos que a vida é constante movimento, cada coisa na natureza se move e cresce ou decresce na relação com as outras. A forma como estas relações se estabelecem pode ser um fator importante para distinguir aqueles indivíduos que realizam o seu próprio potencial daqueles que vivem eternos dependentes em frustração dos seus instintos (Meneghetti, 2022; 2019; Montessori, [s.d.]). Ambos os autores apresentam o entendimento de que há instintos naturais, e que estes são as vontades ou tendências naturais que cada criança ou indivíduo adulto apresenta, momento a momento, ao longo de sua vida (Meneghetti, 2022; 2019; Montessori, [s.d.]).

A partir de Friedrich Fröbel (1782-1852), os espaços onde se educavam as crianças pequenas começaram a ser chamados de “Jardim de Infância” (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO, 2019).

“Jardim” passa a ideia de cultivo, pois para se ter um belo jardim é preciso uma série de preparações e cuidados contínuos. Em um primeiro momento, escolhe-se um espaço, prepara-se a terra, cuidando-se para que tenha as condições físicas, químicas e biológicas adequadas. Depois, as sementes são colocadas nesta terra preparada em um modo preciso. Então, entram outras condições: no início, talvez elas precisem de cuidados diários, controle de umidade, calor, iluminação. Com o tempo, estas sementes vão quebrando a dormência e começam a romper a casca e projetar suas raízes, metabolizando os nutrientes da terra para ganhar força e forma e começar a lançar caule e folhas.

A preparação da terra é tão necessária quanto o cuidado das sementes plantadas. Os adultos, e o ambiente em que vivem, metaforicamente, são a terra em que as crianças serão cultivadas. Cada uma tem um potencial próprio, com capacidade de metabolizar o ambiente à sua volta, ampliando e fortalecendo o seu potencial natural e realizando seus instintos (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]a). Ainda na analogia à flora, assim como qualquer semente, cada criança pode unicamente desenvolver o seu potencial natural, e não os de outros: ela possui o seu potencial específico, distinto daquele da mãe, da professora ou do colega (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]a). Ou seja, cada criança é única, e para o seu melhor desenvolvimento é importante que cumpra seu papel na natureza e na sociedade em conformidade à sua identidade natural, ao seu potencial e instintos naturais.

Com relação a estes pontos trazidos acima, ao longo destes anos de experiência, percebemos que o potencial natural é sempre distinto e notório. Observamos claramente como algumas crianças têm facilidade para performar nos processos de ensino-aprendizagem de matemática, enquanto outras possuem facilidade em socializar, outras em habilidades musicais, outras em habilidades linguístico-verbais etc. O resultado do desenvolvimento da criança em respeito a essas tendências naturais que ela demonstra é um adulto com maior capacidade para contribuir com a sociedade – pois se desenvolveu aquilo que lhe era natural –, e também a tranquilidade do indivíduo que, sobretudo na infância, não teve sua natureza reprimida.

Segundo Meneghetti (2019, p. 32, grifo do autor), “a criança até o sexto mês permanece, mesmo sendo um corpo externo, *simbiotizado psicorganicamente com o adulto-mãe*, ou com o exercitante da sua nutrição, no mesmo nível de quando estava dentro do útero”. Para o autor, nesta fase a criança ainda não se distingue enquanto ser individual, mas mantém-se como continuidade do adulto-mãe, aquele adulto que a nutre biológica e psicologicamente. Retomando a metáfora da semente, a terra precisa ser fértil, ou seja, é primordial que a mãe cuide bem de si mesma para que seu fruto seja saudável, pelo menos enquanto ele não é ainda autônomo (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]a). Nisso, é preciso fazer atenção ao fato de que o novo indivíduo necessita de

vários anos de vida para alcançar plenamente a sua autonomia, tornando-se um distinto participante da sociedade a partir do seu próprio potencial natural, ou seja, economicamente e psicologicamente autônomo.

Neste aspecto, notamos em todas as crianças uma tendência de comportamento, seja em uma análise em leque de anos, semanas, dias ou mesmo horas. Esta tendência de comportamento encontrada de modo mais explícito ou mais discreto em cada criança, e aponta para um instinto de autonomia. Nesta observação, baseamo-nos nos escritos dos autores para o entendimento de instinto – os quais, por sua vez, trazem contribuições de autores precedentes nas suas obras. Em maior ou menor intensidade, cada criança, em cada faixa etária, com frequência de múltiplas vezes ao dia, comporta-se de modo a tentar realizar as mais diversas tarefas sozinha.

Na visão de Meneghetti (2019) e Montessori ([s.d.]a), as crianças, e também os adultos, são guiados em um primeiro momento por instintos naturais e, em um segundo momento, pelas regras sociais. Com base na sua literatura e nas nossas observações, consideramos provável que exista um instinto especificamente de autonomia. Na visão de ser humano de Meneghetti (2022; 2019) e é, por natureza, um protagonista responsável, portanto, responde em primeira pessoa pela sua vida e por qualquer questão relacionada a ela. Na visão de Montessori ([s.d.]a), as crianças possuem a tendência natural à autonomia, a fazer por si próprias.

Neste processo de desenvolvimento espontâneo da própria autonomia, observamos que quando a criança vai se desenvolvendo, ela começa a se reconhecer como “Eu”, diferente dos outros; observação que é também pautada pelos autores (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]a). A criança vai criando consciência de si primeiro como distinta da mãe e começa a demonstrar mais as suas vontades, os seus sentimentos, diferente de antes, quando sentia em conjunto com a mãe, a partir do filtro de olhar e percepção que ela mediava (Meneghetti, 2019). A criança aprende o próprio corpo como distinto do corpo da mãe, começam as relações externas com o ambiente, por volta dos seis meses (Meneghetti, 2019). Nesta idade, aprende a si mesma a partir dos seus próprios movimentos (Montessori, [s.d.]a).

Em torno dos dois anos, isso se torna mais forte: as crianças começam a ir contra as decisões dos pais, pois sentem necessidade de formar e fortalecer sua personalidade. O fato de a criança dizer “não” nessa fase não é para confrontar o adulto, nem para magoá-lo: ela o faz por simples e natural vontade de se afirmar (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]a). Nesse sentido, o “não” da criança precisa ser respeitado, porém, o adulto precisa saber se posicionar com a criança quando constata que aquele “não” levará a resultados negativos (Montessori, [s.d.]a). Como ela carece de experiência de

vida, por vezes não distingue quando ela pode estar em situação de risco, podendo machucar outras pessoas, animais ou ainda danificar o meio em que ela está inserida, como quebrar algo de valor ou desperdiçar recursos importantes.

Assim, é importante não sentir raiva da criança que não obedece, ou que nos atrasa para aquele compromisso importante porque não concorda com a roupa que queríamos que ela vestisse. É preciso muita calma, explicar o motivo das coisas solicitadas a ela e também dar opções simples para que ela possa escolher, em vez de dar uma única opção para ela aceitar ou negar. Nesse aspecto, o melhor é que sejam sempre duas ou três opções na faixa etária de cerca de dois anos, podendo-se aumentar o número de opções conforme a criança vai crescendo e demonstrando propriedade para escolher.

Além disso, a criança também necessita de mais espaço, não somente físico, mas também psicológico (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]): ter a oportunidade e o consentimento dos adultos de fazer as suas escolhas, principalmente quanto ao seu corpo, como a alimentação. Assim, sempre que possível, ter espaços e coisas que a própria criança escolheu e que sejam respeitados como seus, compreendendo que com o tempo irá adquirir experiência de vida para poder fazer cada vez mais as suas escolhas de forma madura, percebendo também que aquilo que ela escolhe e faz impacta na vida das pessoas do seu convívio.

3. Adulto preparado

É de costume em nossa sociedade preparar-se para os acontecimentos fora do cotidiano, e com a chegada de uma criança não é diferente: mesmo que não seja uma gravidez planejada, a partir do momento que se sabe que terá um filho é preciso se organizar para estar em condições adequadas para esta mudança na vida. Muitas mudanças ocorrem na vida da mulher para que ela se torne mãe, ou seja, aquela que acompanha e auxilia o desenvolvimento de outro ser humano, o qual ela gerou a partir do próprio corpo (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]). Segundo os autores, neste período de tempo, todo o seu corpo e também a sua dimensão psicológica preparam-se para prover àquela criança e somente àquela criança. Na mulher, depois da gravidez, nasce primeiro a mãe, que depois com o tempo precisa lembrar novamente que, antes de ser mãe, ela ainda é mulher (Vicentini, 2019; Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]).

Maria Montessori ([s.d.], p. 40) considera que “a imagem da criança como embrião espiritual que está ganhando forma acorda-nos impondo novas responsabilidades”. Neste discurso, a autora aponta para a necessidade de mudança por parte dos adultos e para a importância do adulto respeitar

a criança. Para Meneghetti (2019, p. 18), a criança, “...que surge como fenomenologia do espírito, vivendo a ocupação precoce durante o processo de encarnação, sofre a desorientação, ou seja, a perda do espírito-ponta da sua ação”. Para ele, o ingresso no mundo dos adultos, já estabelecido com estereótipos e normas culturais fixas que são impostas às crianças, conduzem elas para fora da sua natureza sadia e autorrealizante.

Uma vez que esteja entre os adultos, a criança tende a ser semelhante à pessoa que representa maior valor afetivo para ela (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]a). Isso vemos toda vez que a criança, quando desenvolveu afeto pela professora, a respeita e a segue muito mais do que antes de nutrir afeto por ela. Entretanto, “somente os filhos que crescem em um sadio egoísmo de casal serão pessoas auto realizadas, porque a primeira educação que receberam foi aquela da alegria e de como buscá-la” (Meneghetti, 2019, p. 26). Nesse caso, o adulto que a criança imita, se é bem-sucedido na vida, conduz a criança em um ato aparentemente sem esforço – porque a imitação acontece espontaneamente – para o seu próprio sucesso, seja existencial ou econômico.

Em especial na relação professor-criança, Montessori pontua a necessária preparação interior do professor para que obtenha os melhores resultados na educação e cuidados das crianças. Nas palavras da autora, “insistimos na afirmação de que o professor deve-se preparar interiormente estudando-se com metódica constância para conseguir suprimir os próprios defeitos mais radicados, os que constituem um obstáculo nas suas relações com as crianças” ([s.d.]a, p. 140).

Corroborando com os autores supracitados, constatamos a necessidade de os pais buscarem a sua felicidade e crescimento pessoal sempre prioritariamente, pois somente sendo adultos realizados ensinarão a nova criança a buscar a sua realização, sem agredi-la devido às suas frustrações. Só é possível auxiliar efetivamente a nova vida se primeiro o adulto estiver bem consigo. O adulto bem resolvido, que conhece e realiza dia a dia o seu verdadeiro, sabe se posicionar com a criança de modo a ser ou dar passagem para que ela conheça e realize o seu próprio verdadeiro (Meneghetti, 2019; Montessori, [s.d.]a). O adulto quando está feliz, não se sente afrontado pela criança quando esta faz birras ou diz “não” para coisas importantes, ele consegue separar as emoções da criança das suas e conversar com calma para resolver as situações de conflito.

Além disso, observamos que a criança não se sente insegura necessariamente quando os pais trabalham, mas, estando perto ou longe, ela se sente insegura quando sente a rejeição. Ou seja, muito mais do que as palavras que ditas, a criança compreende dentro dela como o adulto está se sentindo, ela entende muito mais por meio da percepção do que por meio da comunicação verbal (Meneghetti, 2019). Observamos que caso o adulto sinta de uma forma, mas verbalize de outra, isso gera grande

confusão na criança. Nisto, Meneghetti descobriu uma forma de comunicação que é anterior à fala, a qual ele nomeou como campo semântico, definindo-a como “...*comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individualizações*” (2021, p. 45, grifo do autor).

Conforme o autor, essa comunicação ocorre o tempo todo e é prioritariamente por meio dela que se aprende na primeira infância (Meneghetti, 2021). Ou seja, a criança recebe e percebe a informação que o adulto transmite, muitas vezes inconsciente, e quando esta informação é contraditória ao que o adulto fala, a criança percebe por campo semântico. A emissão e recepção de informações é constante entre todas as pessoas de todas as idades, porém, é sempre parcialmente inconsciente, mas por meio dela comunica-se sempre a realidade do momento (Neu; Machado, 2020; Ferraz, 2019; Spanhol, 2018).

Meneghetti (2022, p. 199) descreve o campo semântico como “qualquer mediação de informação: *é um transdutor de informação*”, e o descreve ainda como anterior à comunicação verbal. Além disso, é também uma informação que estrutura em emoção o outro: é constituído pelo próprio impacto emotivo (Meneghetti, 2022). Através desta forma de comunicação pode-se saber sobre como o outro é e está, antes ainda de ouvi-lo falar (Ferraz, 2019; Vicentini, 2019; Spanhol, 2018). Por isso, o adulto precisa estar bem, feliz e realizado, do contrário, a criança sofre junto com o adulto. Assim, antes de falar com uma criança, recomendamos saber como se está, o que se está sentindo, para, a partir de si mesmo, poder distinguir e saber como a criança está, usando o recurso do campo semântico. À importância do uso da percepção sobre o outro, corroboram também os autores Tagata (2022), Mufato e Gaíva (2022), Loreto et al. (2022), Mastrandonakis et al. (2022), Zych et al. (2022), Riess (2017) e Ang e Goh (2010).

De nossa experiência prática, respeitar a criança significa estabelecer limites entre o que é o adulto e o que é a criança, saber quais são os sonhos do adulto e quais são os da criança, mesmo que estes possam divergir. Respeitar é entender que a criança é um ser por si só, mesmo que tenha sido gerada pelos adultos, por isso, ela sempre deve ter opções de escolha, por exemplo, de roupa. Respeitá-la é se abaixar na altura dela para falar com ela, pois assim a criança não se sente intimidada pela estatura muito maior e/ou pela voz e postura mais imponente do adulto. É pedir licença, mesmo que seja com um olhar, para tocar na criança quando se vai vesti-la, auxiliá-la na sua higiene, abraçá-la e erguê-la no colo. Respeitar é estabelecer o limite entre o nosso corpo biológico, emotivo e psicológico e o corpo biológico, emotivo e psicológico da criança para não ocupá-la com nossas vontades, expectativas, emoções ou pensamentos.

4. A criança como projeto de natureza

Quando se é professor em uma escola, a cada início de ano se recebem várias novas crianças. Geralmente não se reconhece no primeiro momento qual é o potencial específico e distinto de cada uma, é preciso tempo e muita observação atenta, pois diferentes crianças necessitam de diferentes condições para melhor se desenvolver. Os pais, semelhante aos professores, também não sabem qual será o potencial específico desta criança que geraram. Eles geralmente projetam como seria o filho ideal, ou esperam que seja igual a outra criança, moldando seu filho ou filha com base em vários estereótipos, colocando uma ideia que vem carregada de modelos fixos de como a criança deve ver a si e ao mundo, e de como deve se comportar, sem dar a ela flexibilidade para fazer ou ser diferente. Geralmente fazem isso na melhor das intenções, e com frequência querem que o seu filho seja o melhor entre todas as demais crianças.

Porém, a criança que os adultos esperam já nasce com um potencial único, de natureza, especificado nela (Meneghetti, 2019). Para Montessori ([s.d.]a), se a criança possui já um potencial natural específico seu, este potencial é delicado, e sua realização é fortemente impactada pelos adultos. Para Meneghetti, realizar o próprio potencial natural é o que garante a nossa autorrealização (2022; 2019). Na visão de Montessori ([s.d.]a), "...a criança nascida não é apenas um corpo pronto a funcionar, é um embrião espiritual com diretrizes psíquicas latentes", novamente, a criança não é vista como uma página em branco – ao menos não totalmente –, mas como um ser humano com uma identidade específica.

Conforme a autora ([s.d.]a), cada pessoa nasce com algumas características predefinidas, como o temperamento; trazendo um exemplo dela, sabemos que terá um temperamento feroz se quem nascer for um leão, e pacífico se for um cordeiro. Para Montessori, todos os animais possuem os órgãos adequados para desempenhar uma função específica na natureza: se será carregar pólen, por exemplo, eles terão a lanugem adequada para tal (Montessori, [s.d.]b). Para ela, a função da criança na natureza "...é realizar o presente de uma vida que está em evolução, (...) um presente, por assim dizer, que não tem limites no passado e que não os tem no futuro e que não é nunca igual a si mesmo" (Montessori, [s.d.]b, p. 52). Ela considera que a criança é dotada, por natureza, da capacidade para se construir e para realizar a si mesma e, por isso, é preciso que seja respeitada como tal (Montessori, [s.d.]a).

Segundo Meneghetti (2022; 2019), buscar realizar o próprio potencial é estar de acordo conforme a vida projetou a cada um, assim, não podemos ir contra o potencial de uma criança: a responsabilidade dos adultos de referência, sejam eles pais ou professores, é observar os caminhos

em que o seu potencial aponta para seu crescimento e evolução, e facilitá-los. Nas suas palavras, esse potencial “...constitui o critério base da identidade do indivíduo, seja como pessoa, seja como relação” (Meneghetti, 2022, p. 239); para ele, realizar o próprio potencial de natureza é realizar o melhor para si próprio e para o conjunto social e ambiental do qual se participa, seja em âmbito pessoal, afetivo, social ou econômico. Para Montessori ([s.d.]a, p. 23), esse potencial não é apenas uma possibilidade de ação e realização, mas é uma “...função necessária para a conservação e harmonia do mundo”. Montessori explica que os seres vivos possuem uma harmonia própria e contínua porque cada um constantemente realiza a própria função natural (Montessori, [s.d.]a; [s.d.]b).

Nesse sentido, os processos de educação têm o papel de favorecer a criança nas tomadas de decisão em coerência ao seu potencial natural. Por isso, não consideramos sensato prover uma educação totalmente igual para todos, pois cada criança é única, possui um potencial que é só seu e que a realiza. Para os autores, é a realização do potencial específico de cada um que o leva à melhor contribuição também para a sociedade (Meneghetti, 2022; 2019; Montessori, [s.d.]a; [s.d.]b). Ao mesmo tempo, precisamos lembrar que não é a escola ou a família que irão garantir a realização do potencial de natureza de cada criança. Se a escola e a família não atrapalharem, já estão fazendo um grande serviço. Porque a escola e a família são instituições do sistema, então, em primeiro lugar seria preciso uma reforma destas instituições.

Por isso, uma das formas de facilitar a relação com a criança é atentar-se para este fato de que todos nascem com potencial e temperamento específicos e naturais (Meneghetti, 2022; 2019). Para Meneghetti (2019, p. 32), o temperamento “...é um pré-constituído base, de preferencialidade acerca da experiência do mundo, dado antes do nascimento, algo que emana como específico do conjunto psicorgânico do sujeito”. O temperamento é uma característica constituída antes do nascimento, não alterada com o passar do tempo: é uma tendência natural de resposta ou reação e difere das instruções recebidas pela família e pela sociedade – professores, colegas etc. (Meneghetti, 2022). Conhecendo-o pode-se lidar melhor com a criança: a forma como tratá-la, como conversar com ela etc.

Conhecendo melhor a criança, torna-se mais fácil auxiliá-la para que busquemos as melhores formas de desenvolver o seu potencial e a sua autonomia, para que ela se torne um indivíduo realizado, com o mínimo de repressões à sua natureza. Consideramos fundamental também o entendimento de que não é imediato, instantâneo identificar o potencial de natureza da criança. Para realizar essa função de facilitador do desenvolvimento da criança, consideramos importante a compreensão da criança enquanto projeto de natureza, como trazemos no próximo tópico.

5. Autonomia da criança

Uma criança pequena ainda não é autônoma, mas ela necessita ser educada para que um dia consiga ser. Autonomia, para Meneghetti (2019), é a capacidade de um indivíduo se realizar sozinho. Para ele, o indivíduo autônomo é aquele capaz de toda a força para fazer e resolver sozinho. Montessori ([s.d.]a) afirma que as crianças nascem com vontade de explorar, de descobrir e aprender a partir das próprias experiências, e para isso é essencial que o adulto proporcione um ambiente que permita fazer por ela mesma, respeitando as suas necessidades e condições.

Notamos que a autonomia se conquista passo a passo ao longo da vida. Conforme observamos uma criança pequena, percebemos o que seu corpo está pedindo ou necessitando com maior força em cada momento. Pudemos observar, por exemplo, que nos bebês a relação com a água é muito grande. Observando os bebês em atividades de trabalho em uma escola montessoriana, notamos que praticamente todos costumam gostar de brincar com bacias de água, e, tão logo sentam, já querem versar líquidos entre recipientes e levar à boca para tentar beber sozinhos. Em um primeiro momento, viram no chão quase tudo, mas é o ato de tentar que faz com que refinem seus movimentos até chegar à precisão. As crianças que tentam mais, depois são aquelas que possuem os movimentos mais precisos e desenvolvidos. Aquelas que mais desenvolvem suas habilidades autonomamente são as mesmas que depois apresentam com mais força e frequência o comportamento de não desistir até conseguir realizar o que queriam, qualquer que seja a tarefa: adquirem a persistência como hábito de vida.

Nesse aspecto, a mão é um instrumento que a criança usa para se apropriar do mundo ao seu redor. Ela é usada para sentir, para medir e, para desenvolvê-la, é importante deixar a criança usá-las, para agarrar objetos, para puxar, para levar comida e brinquedos até a boca, para sentir texturas. Maria Montessori ([s.d.]a, p. 130) escreve que “graças às mãos que têm acompanhado a inteligência, foi criada a civilização. A mão é o órgão deste imenso tesouro dado ao homem”. Assim, é importante que os adultos favoreçam o uso das mãos pelas crianças, organizando o ambiente de modo que a criança possa mexer em tudo que alcance, sem risco de se ferir ou de ferir outra pessoa.

Observamos que o desenvolvimento da fala também se dá por uma brincadeira, a criança vai experimentar e se diverte imitando sons e testando o que consegue produzir: é primordial que os adultos cantem, falem pausada e corretamente com a criança, para que ela vá aprendendo a entonação e a sonoridade que possuem as palavras. Neste aspecto, também indicamos que se fale de frente e na altura da criança, não só para que ela aprenda os movimentos da boca e da língua, mas também para que se sinta conduzida, mas não oprimida, por quem se reportaria a ela de cima para baixo.

Se o adulto falar pela criança toda vez que ela apontar algo, estará mitigando o desenvolvimento da sua fala. E, se repetir sua fala incorreta, ou rir dela, ela irá aprender que aquele é o modo correto e, depois, em confronto com a sociedade, principalmente no ambiente escolar, poderá ter grandes dificuldades em se comunicar. Observamos que este é um motivo bastante comum da não-adaptação das crianças à escola, assim como da dificuldade de aprenderem a ir no banheiro, ou de tirar o casaco. Essa situação pode se tornar mais grave quando ainda não confiam suficientemente na professora para chamá-la em busca de ajuda.

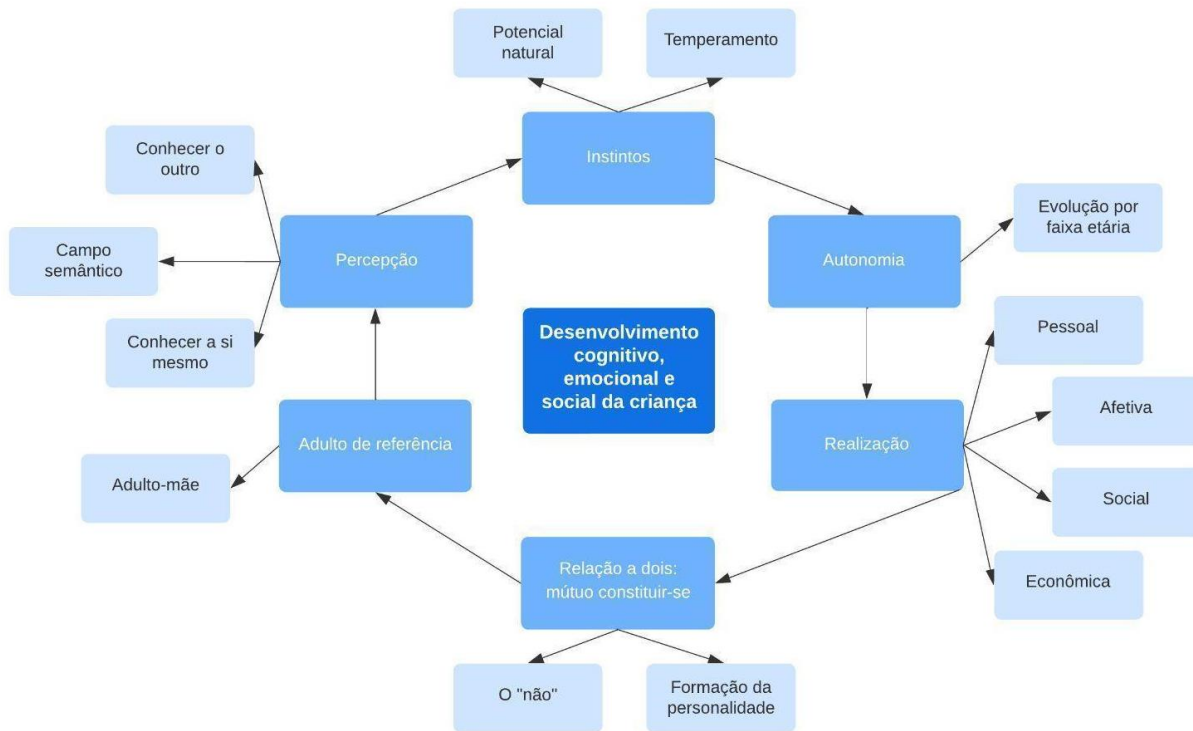
Conforme vão crescendo, suas vontades de fazer por si mesmas crescem junto, e as crianças vão negando a ajuda que os pais oferecem: querem primeiro tentar sozinhas – e tentar sozinhas lhes garante que sua dignidade não seja ferida. O adulto, quando não dá esse espaço, costuma fazê-lo por não acreditar que as crianças conseguirão obter resultado a partir do próprio esforço e da própria tentativa, ou ainda, por saber que fazem melhor e mais rápido.

Porém, caso o adulto não dê a oportunidade da tentativa, as crianças tendem a sentir-se desmotivadas, incapazes e vão deixando de acreditar e de tentar realizar outras coisas que poderiam fazer: ao chegar na escola, caso derrubem algo, elas olham para a professora esperando que ela junte; caso a professora não recolha o objeto caído, a criança, com frequência, diz: “junta para mim” ou apenas “junta”.

O resultado de tudo isso é que a criança não desenvolve a capacidade de fazer as coisas e, de fato, não as faz, mas aguarda sempre que um adulto faça por ela, porque se acostumou com que o outro faça por ela. Além disso, constatamos que muitas vezes a criança simplesmente não acredita que consegue e, ao incentivá-la dizendo “junte, você consegue”, ela primeiro nos olha espantada e, depois, recolhe o objeto do chão e começa a tentar fazer coisas que não tentava antes.

Antes de seguir para as considerações finais, apresentamos um mapa conceitual interligando todos os principais conceitos abordados na pesquisa.

Figura 1 – Mapa conceitual da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

6 Considerações Finais

Em diversos marcos de desenvolvimento ou amadurecimento, a natureza pede uma forma de fazer para crescer, uma forma que, em detalhes, é diferente para cada um, mas que, enquanto seres humanos, temos semelhanças. Buscamos elaborar orientações em questões que são comuns às crianças, respeitando aquilo que é único em cada uma delas.

Consideramos essencial a necessidade de muita atenção nos primeiros anos de vida, pois neles constitui-se a base para a formação da personalidade das crianças, nas suas forças e fraquezas, nos seus aspectos de sanidade ou de patologia (Meneghetti, 2022; 2019; Montessori, [s.d.]a; [s.d.]b). A forma como se estabelece a relação da criança com o adulto-mãe é muito importante para a constituição da forma como a criança fará suas escolhas e como estabelecerá suas relações futuras, ao longo da sua vida.

O adulto pode, portanto, operar em auxílio à criança, que é fortemente formada durante a infância, oportunizando a ela que realize pequenas tarefas. Estas tarefas são, em geral, muito simples,

como se movimentar no chão, em vez de ficar somente no colo, ou colocar barbantes nos objetos próximos a ela, para que ela possa puxar os objetos para si enquanto ainda não consegue se locomover, por exemplo. Também recomendamos que se deixe que a criança pegue os alimentos com as mãos e tente se alimentar sozinha. Assim, antes de auxiliar, indicamos observar o que a criança quer tentar fazer e permitir que faça ou desafie-a, na medida em que não haja risco para ela.

Conforme elas vão crescendo, as suas necessidades evoluem, e elas podem realizar tarefas mais complexas. Alguns exemplos cotidianos são começarem a se vestirem sozinhas, limparem-se com um lençinho depois de o adulto limpar uma parte, arrumarem a própria cama, guardarem os brinquedos, e tantas outras tarefas que elas vão demonstrar interesse em realizar. Assim, fazendo por elas mesmas, tenderão a não se tornarem dependentes dos outros, a acreditarem no próprio potencial e ver a própria capacidade, além de aperfeiçoar tudo o que forem realizar, conforme empreendem as várias tentativas. Antes de dizer que não sabem ou não conseguem, é possível que digam: “deixe eu tentar!”.

As crianças não precisam de grandes coisas para se desenvolver, elas necessitam, sobretudo, que os adultos em primeiro lugar não atrapalhem os seus movimentos, impulsos e instintos positivos de desenvolvimento. Para Montessori, ([s.d.]b), “a nossa obra de adultos não consiste em ensinar, mas em ajudar a mente infantil no trabalho do seu desenvolvimento”. E isso significa, primariamente, deixar e facilitar que ela faça atividades que possa fazer, em vez de substituí-la nas tarefas que ela deveria fazer para melhor se desenvolver, o que comumente ocorre entre adultos e crianças.

Não recomendamos impor as regras sociais como prioritárias na vida da criança. As regras sociais mudam para cada época, local e conjunto social, são criadas para estabelecer formas de melhor convivência entre as pessoas. À criança é essencial aprendê-las como uma forma de garantir seu próprio bem-estar, é importante conhecer o seu propósito e respeitá-las sempre, mas nunca colocá-las acima da própria realização. Por isso, ao ensinar a criança, é muito importante que as regras sociais e a realização de si mesma estejam sempre no mesmo nível, de modo que uma não fira a outra.

O adulto de referência, grande exemplo de valor – positivo ou negativo – na vida da criança, tem o papel de ser um facilitador dos caminhos de maior desenvolvimento do potencial que a criança traz naturalmente. O adulto possui o papel de se conhecer, cuidar e desenvolver primeiramente de si mesmo, garantindo sua saúde e sua autorrealização para ser modelo a ser seguido pela criança.

Verificamos, então, que foram contemplados: (1) o objetivo geral da pesquisa – compreender

o papel, sobretudo, do adulto de referência no modo como se dá o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança na primeira infância; (2) os objetivos específicos – (a) identificar fatores de importância na relação entre adulto de referência e criança dos 0 aos 3 anos; (b) analisar a manifestação de instintos nos processos de desenvolvimento na primeira infância; (c) documentar ao longo do texto comportamentos e práticas indicadas para adultos que acompanham crianças nessa fase de desenvolvimento, para assim ilustrar um modo de exercer com bons resultados o papel de adulto de referência no processo de desenvolvimento infantil na referida faixa etária.

Finalmente, consideramos que o estudo foi limitado especialmente quanto ao objetivo específico (b), pois, em geral, pouco foram investigados os instintos se comparados aos comportamentos expostos pelos sujeitos de pesquisa. Ponderamos ainda que estudos que contemplem mais ampla e profundamente o plano dos instintos parecem-nos estarem entre os que mais nos faltam enquanto literatura científica. Afinal, se de fato os instintos são ordens de vida, então precisamos sabê-los para realizarmos a plenitude da vida humana, em todas as suas áreas e aspectos, desde a primeira infância.

Notas

¹ Pedagogo alemão, foi professor infantil, coordenador de orfanato, fundador do primeiro chamado jardim de infância, além de ter trabalho na formação de professores para educação infantil.

² Atualmente, é também utilizado o termo “educação infantil” para se referir ao anteriormente chamado “jardim de infância”.

Referências

ALVARENGA, Patrícia; SOARES, Zelma Freita; SALES, Paula Kleize Costa; FILHO, Nilton Correia dos Anjos. Escolaridade materna e indicadores desenvolvimentais na criança: medição do conhecimento materno sobre o desenvolvimento infantil. **Psico**, v. 51, n. 1, pp. 1-14, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/31622/pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ANG, Rebecca Pei-Hui.; GOH, Dion Hoe-Lian. Cyberbullying among adolescents: The role of affective and cognitive empathy, and gender. **Child Psychiatry and Human Development**, n. 41, pp. 387-397, 2010. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10578-010-0176-3>. Acesso em: 21 jan. 2023.

BORSA, Juliane Callegaro. Considerações acerca da relação mãe-bebê da gestação ao puerpério. **Revista Contemporânea**, n. 2, pp. 310-321, 2007. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo89.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2023.

RAMBO, Márcia Cristiane. SILVA, Breno Prado da. WAZLAWICK, Patrícia. SCHAEFER, Ricardo. MARTINS, Fernanda Goulart. **Desenvolvimento Cognitivo, Emocional e Social da Criança na Relação com o Adulto sob Perspectiva Interdisciplinar de Montessori e Meneghetti**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Joinville/SC, V.18, n° 3, p.31-51. TRI III 2024. ISSN 1980-7031.

BRAGA, Milayde Serra; GONÇALVES, Monicque da Silva; AUGUSTO, Carolina Rocha. Os benefícios do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, pp. 70250-70260, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16985/15832>. Acesso em: 15 fev. 2023.

DAMACENA, Medllyn Peres Ribeiro; REICHOW, Jeverson Rogério Costa; CASTRO, Amanda; FERNANDES, Fernanda de Souza. Depressão pós-parto e os efeitos no desenvolvimento infantil: uma revisão de literatura. **Revista Panorâmica**, v. 30, pp. 124-135, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1145/19192340>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FERRAZ, Maria Aparecida Ragalzi. Campo Semântico: como reconquistar a linguagem primária da natureza humana. **Saber Humano**, Edição Especial, n. 4, pp. 112-120, 2019. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/378/371>. Acesso em: 22 jan. 2023.

KLAUS, Marshall Henry; KENNEL, John Hawks; & KLAUS, Phyllis Henry. **Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

KLAUS, Marshall Henry; KENNEL, John Hawks. **Pais/bebê: a formação do apego**. Porto Alegre: ArtMed, 1993.

LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO, 2019. **A origem do “Jardim de Infância”**. Disponível em: <https://labeledu.org.br/jardim-de-infancia-origem-de-onde-vem-friedrich-froebel-froebel/#:~:text=O%20nome%20realmente%20vem%20da,demais%20para%20frequentar%20a%20escola>. Acesso em: 21 jan. 2023.

LEONE, Claudio. A Criança, o Adolescente e a Autonomia. **Revista Bioética**, v. 6, n. 1, 1998. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/324. Acesso em: 21 jan. 2023.

LORETO, Gleidson Diego Lopes; SANTOS, Layrthton Carlos de Oliveira; CASTELHANO, Marcos Vitor Costa; BENEVIDES, Délis Sousa; LUCENA, Hugo Horácio de; LEITE, Vinícius Silveira. The Basic Empathy Scale: Evidence of Internal Structure in the Brazilian Context. **Psico-USF**, v. 27, n. 3, pp. 581-583, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/k7K4DvxQRhCF3qxZsWWnJKr/?lang=en>. Acesso em: 21 jan. 2023.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da Gravidez: parto e puerpério**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MASTRANDONAKIS, Marco Flávio; ARA, Amilton Braio; FRANÇA, Ana Cristina Limongi; JANUÁRIO, Eder de Carvalho; BORGES, Manuela Brandão; ARA, Thiago Schiavon; THOMAZ-DE-LIMA, Andressa de Fátima Kotleski. As “Soft Skills” dos cirurgiões plásticos e suas equipes,

RAMBO, Márcia Cristiane. SILVA, Breno Prado da. WAZLAWICK, Patrícia. SCHAEFER, Ricardo. MARTINS, Fernanda Goulart. **Desenvolvimento Cognitivo, Emocional e Social da Criança na Relação com o Adulto sob Perspectiva Interdisciplinar de Montessori e Meneghetti**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Joinville/SC, V.18, n° 3, p.31-51. TRI III 2024. ISSN 1980-7031.

em comparação a outras ocupações em ambiente de pandemia COVID-19. 2022. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 37, n. 2, pp. 133-142, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcp/a/bz4Jr963BgB6zjpb3VrKtRH/?lang=pt>. Acesso em: 21 jan. 2023.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

MONTESSORI, Maria. **A criança. Título original: Il segreto dell' infanzia**. 3. ed. Internacional Portugália Editora, [s.d.]a.

MONTESSORI, Maria. **Mente absorvente. Título original: La mente del bambino**. 2. ed. Internacional Portugália Editora. [s.d.]b.

MUFATO, Leandro Felipe; GAÍVA, Maria Aparecida Munhoz. Empatia de enfermeiras com recém-nascidos hospitalizados em unidades de terapia intensiva neonatal. **Acta Paulista de Enfermagem**, n. 35, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/S8mKChG7TfgJTTvf9ZkYWtw/?lang=pt>. Acesso em: 21 jan. 2023.

NEU, Wilian Mauri Friedrich; MACHADO, Mateus Renard. Einfühlung e campo semântico: uma investigação fenomenológica de suas diferenças e aproximações. **Saber Humano**, v. 10, n. 16, pp. 18-37, 2020. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/441>. Acesso em: 22 jan. 2023.

PEREIRA, Ana Margarida Ferreira. **O contributo das rotinas diárias para o desenvolvimento da autonomia das crianças**. 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar) – Escola Superior de Educação de Portalegre, Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre, 2014. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/6133>. Acesso em: 22 jan. 2023.

RIESS, Helen. 2017. The science of empathy. **Journal of Patient Experience**, v. 4, n. 2, pp. 74-77, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5513638/>. Acesso em 21 jan. 2023.

SPANHOL, Carmen Ivanete D'Agostini. Da Comunicação Tele (J. Moreno) à informação de Campo Semântico (A. Meneghetti): diferentes olhares para a mesma informação em consultoria. **Saber Humano**, v. 8, n. 13, pp. 43-64, 2018. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/348>. Acesso em: 22 jan. 2023.

RAMBO, Márcia Cristiane. SILVA, Breno Prado da. WAZLAWICK, Patrícia. SCHAEFER, Ricardo. MARTINS, Fernanda Goulart. Desenvolvimento Cognitivo, Emocional e Social da Criança na Relação com o Adulto sob Perspectiva Interdisciplinar de Montessori e Meneghetti. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Joinville/SC, V.18, n° 3, p.31-51. TRI III 2024. ISSN 1980-7031.

TAGATA, William Mineo. In my shoes: empathy and critical emotional literacy in EFL lessons. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 22, n. 1, pp. 17-36, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/5PYBcjgyRTf9zCCzGx9qpm/?lang=en>. Acesso em: 21 jan. 2023.

UNICEF. **Desenvolvimento Infantil.** Sem ano. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/desenvolvimento-infantil>. Acesso em: 20 jan. 2023.

VICENTINI, Claudia. A trajetória da mulher empresária e o campo semântico. **Saber Humano**, Edição Especial, n. 4, pp. 59-69, 2019. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/372/366>. Acesso em: 22 jan. 2023.

ZYCH, Isabela; FARRINGTON, David Philip; NASAESCU, Elena; JOLLIFFE, Darrick; TWARDOSWKA-STASZEK, Estera. Psychometric properties of the Basic Empathy Scale in Polish children and adolescents. **Current Psychology**, v. 41, n. 12, pp. 1957-1966, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12144-020-00670-y>. Acesso em: 21 jan. 2023.